

«ÁTOMO» NAS LETRAS
A propósito do último romance de Alves Redol
“VINDIMA DE SANGUE”



Por um destes fenômenos que não se explicam facilmente, o Douro do Vinho do Porto foi talvez a região portuguesa que por mais tempo se manteve alheia da novelística nacional.

Por
Pedro da Silva

de escritor como romancista da obra do Tejo, foi quem decidiu pôr o Douro no romance, pareceu-me que esse romance, parecia-me que feliz na mudança de ambiente, o Douro se escapara a u

REPUBLICA

“Horizonte cerrado”

o grande romance de Alves Redol foi distinguido pela Academia com o “Prémio Ricardo Malheiros”



Terça-feira, REDOL

o do Porto

CULTURA E ARTE

em 14 de Julho

(Continuação da)

A CRÍTICA

sentido profundo da sua evolução. Se trabalhasse mais de espaço, não se profissionalismo integralmente um dia nos nossos romances. Alvo das suas possibilidades primárias, teria talvez reduzido PORT-WINE a dois volumes mais densos e outros gibões a dois volumes. Ver-se-ia, aliás, a parte, de que se fez um ciclo ge-

A recepção do Ciclo Port Wine, de Alves Redol, pela imprensa da época

Comércio do Porto



Próximo Suplemento a sair em 14 de Julho

Crítica do Livro

por Oscar Lopes

— Vindima de sangue. Lisboa, 1953 (terceiro e último da série PORT-WINE, que abrange HORIZONTE CERRADO, 1949, e OS HOMENS E AS SOMBRAS, 1951).

HOUVE já quem tivesse em dúvida a possibilidade de um romance de tal envergadura

ou menos visto. Mas este microcosmo amarrado, que nos arranha as sazes dum modo que trai o tempo-ramento do autor, tem prender-se

(Continuação)

A CRÍTICA

sentido profundo da sua evolução. Se trabalhasse mais de espaço, não se profissionalismo integralmente um dia nos nossos romances. Alvo das suas possibilidades primárias, teria talvez reduzido PORT-WINE a dois volumes mais densos e outros gibões a dois volumes. Ver-se-ia, aliás, a parte, de que se fez um ciclo ge-

Leituras

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA (Distribuição gratuita)

Boletim de informações bibliográficas da MINERVA CENTRAL, o mais antigo boletim de Moçambique

ALVES REDOL

— um grande escritor português

Algumas considerações sobre a sua obra

Uma obra de grande importância se tem escrito o artigo, sobre Alves Redol é a sua obra, publicada no Notícias de 16 de Maio último.

que se incluem a paragem contemporânea das letras e romancista que tem o nome de Alves Redol, o grande escritor português, que se está tornando a admiração da Portugal.

Uma Redol possui hoje já uma vasta obra, compreendendo romances e novelas, no teatro, a organização dos seus dias, além dos seus contos e artigos de literatura e de crítica publicados em jornais e revistas e das conferências que tem feito. Modesto no origem e no trato, e fiel a origem, o autor da Panga e Avistros teve o cuidado de manter a sua linguagem portuguesa e a sua linguagem e brilhante de Fregues de Castro Guimarães, a que a alma aberta e um impulso intelectual.

Uma Redol foi a introduzir em Portugal da nova literatura romancista non-realista, resultante de problemas que enlaçam os homens na realidade da cultura. Ao sentir orientador que preside

que os poemas que sintetizam o livro fundamental do escritor não podem o lado crucial da realidade da vida.

Ainda não há de ser uma que Alves Redol se entre como romancista. Em 1938 publicou o seu primeiro



Alves Redol

REPUBLICA

LITERATURA

PAGINA DE ALFREDO GUIA

“Vindima de Sangue”

novos romances de Alves Redol

Alves Redol encerrou o seu interessante «Ciclo Port-Wine», com a publicação de «Vindima de Sangue», romance que, por intermédio de Publicações Europa-América, Ltd., foi agora posto à venda. As figuras com que o romance se enche, são de uma grande importância e demonstram a ternura que amacia o ambiente em que elas têm especial intervenção. Alves Redol com esta sua excelente obra continua a manter entre os modernos romancistas portugueses, um dos primeiros lugares.

A conhecida trilogia de Alves Redol – *Horizonte Cerrado* (1949) (Prémio Ricardo Malheiros 1950), *Os Homens e as Sombras* (1951) e *Vindima de Sangue* (1953) – tiveram uma ampla recepção por parte da crítica da época, onde se destacam nomes como Mário Dionísio, Óscar Lopes, Álvaro Salema.

Damos a seguir alguns extractos dessa recepção:

«Em *OS HOMENS E AS SOMBRAS*, segundo volume do *CICLO PORT-WINE*, Alves Redol continua a história dramática e emocionante dos homens que nos chistos abruptos do Douro criam para o mundo – um «sol engarrafado».

Alves Redol acaba de publicar o terceiro e último volume do *CICLO PORT-WINE*: «*VINDIMAS DE SANGUE*», romance que ficará a assinalar um grande momento da sua carreira de escritor.»

24 junho 1953, *Diário de Coimbra*

«Vigoroso e emotivo, as suas páginas constituem uma galeria de quadros de um realismo intenso, arrancados à vida dos trabalhadores do Douro que conseguem «engarrafar o Sol» que é o doirado vinho do Porto, orgulho dessa gente que, com o seu suor e o seu sangue, faz brotar da dureza dos xistos as cepas abençoadas».

25 maio 1949, *Diário Popular* de Lisboa

«À sua vasta obra de dez anos consecutivos de labuta intelectual acaba Redol de juntar um novo livro, *Horizonte Cerrado*, primeiro romance do *Ciclo Port Wine*, que não é apenas a concretização alargada do seu valor literário, mas uma nova prova de seriedade e sequêcia, na sua posição de artista, em face do Mundo circundante...

... Neste livro, Alves Redol traça-nos o quadro da pequena economia camponesa da zona vinhateira do Alto-Douro; a paisagem expressiva desta área, nas épocas de maior labuta vinícola, passam na mente do leitor com um vigor objectivo e sintomático, que denuncia a influência do poder literário do romancista, do seu realismo humano e actuante.»

Junho 1948, *Leituras*

«O Ciclo Port-Wine do qual este *OS HOMENS E AS SOMBRAS* é o segundo volume, apresenta-se-nos desde já como um fresco de proporções monumentais. Um fresco do cores vivas e cruas, por vezes violentas, onde os homens e a Natureza, aquela terra de xistos e de cepas, se projectam com um relevo e uma força, capazes só por si de fazerem a glória de um escritor. Jámais Redol havia feito nada de parecido. Nem em vigor nem em equilíbrio. Nem tampouco em segurança técnica. É, não digo um romancista novo, este que nos surge em «Port-Wine, mas um romancista amadurecido, senhor pleno das raras faculdades de escritor de ficção que desde a primeira hora o assinalaram. O seu estilo, que nos livros da beira do Tejo até *Fanga*, tantas vezes o traiu, ganhou em segurança e naturalidade, o que perdeu em lirismo rebuscado, por exemplo. E como a sua imaginação, mais disciplinada, se não perde por caminhos estranhos ou pouco afins à planificação geral da obra, tudo agora sai das suas mãos com um cunho de inteireza, de acabado, coisas que dantes nem sempre acontecia.»

Afonso Ribeiro, *Itinerário*,
Lourenço Marques

«O propósito evidente da série Port-Wine é reintegrar sob a forma de ficção todo o mundo de interesses e dramas que gravitam em torno do vinho do Porto, tomando amostras reveladoras nas condições de começo do século. O romancista foca de preferência uma família de pequenos proprietários, mesmo no centro da região vinícola mais afastada. Através de mil e tantas páginas, no dobrar das circunstâncias gerais da acção, o interesse do leitor está, afinal, em grande parte suspenso de uma clássica tragédia amorosa a três personagens; ele, ela e o obstáculo mais ou menos vivo. Mas este microcosmo amoroso, que nos arranha às vezes dum modo que trai o temperamento do autor, vem prender-se ao grande mundo dos grupos sociais em conflito: pessoal das rogas descidas da Terra Fria às vindimas da Terra Quente; ganhões locais; pequenos proprietários sem lagar e assalariados; médicos proprietários burgueses; grandes proprietários absenteístas de dom ou da nova extracção financeira; administradores, caseiros, comissários, especuladores vários, exportadores nacionais e ingleses; «paladinos» políticos; produtores das aguardentes e dos vinhos rivais do Ribatejo; altos dirigentes bancários e políticos do tempo (nacionais e estrangeiros), incluindo figuras históricas ou virtualmente históricas.»

Óscar Lopes, 23 junho 1953,
O Comércio do Porto (Suplemento Cultura e Arte)

«Com a publicação de *Vindima de Sangue*, terceiro painel do tríptico iniciado em 1949, com *Horizonte Cerrado*, e a que se seguiu *Os Homens e as Sombras*, concluiu Alves Redol *Ciclo Port-Wine*, que constitui, até hoje, a sua obra de mais vastas perspectivas – e aquela em que melhor se plasmou o seu talento sólido e generoso de romancista. A longa trajetória percorrida por Redol em cerca de quinze anos de vida literária, desde *Gaibéus*, a sua obra de estreia, até ao último volume do ciclo consagrado ao vinho do Porto, documenta de modo expressivo o amadurecimento contínuo das suas excepcionais faculdades de escritor atento aos problemas concretos e reais da sua época.»...

Luís Francisco Rebelo, 18 setembro 1953,
Ler – Jornal de Letras, Artes e Ciências

«Alves Redol encerrou o seu interessante *Ciclo Port-Wine* com a publicação de *Vindima de Sangue*, romance que, por intermédio de Publicações Europa-América, LTD.^a, foi agora posto à venda. As figuras com que travamos conhecimento em *Horizonte Cerrado* e encontramos depois envolvidas nos acontecimentos desenrolados em *Os Homens e a Sombra*, apareceu-nos, de novo, nesta terceira parte do mencionado *Ciclo*, mantendo-se todas elas dentro da maneira de ser imaginada pelo autor, como se os seus corpos que atravessam as páginas destes três volumes, fossem perfeitos estojos adrede preparados para neles colocarem com o preciso cuidado e transformadas em objectos imprescindíveis, as almas que conduzem esses corpos nas caminhadas da vida...

... Alves Redol com esta sua excelente obra continua também a manter entre os modernos romancistas portugueses, um dos primeiros lugares.»

Alfredo Guisado, 10 abril 1953,
Jornal República

«Alves Redol, o mais jovem dos nossos romancistas, com justificada evidência na moderna literatura portuguesa, publicou agora mais um romance a que deu o título: *Horizonte Cerrado*.»

Julião Quintinha, 16 maio 1949,
Diário do Alentejo

«A epopeia dos durienses, suas tragédias, angústias e aspirações, são descritas por Alves Redol num estilo simultaneamente sóbrio e vigoroso, simples, mas rico em imagem, impondo-se, nesta obra, como um prosador que alcançou a sua maturidade.»

2 julho 1951, *Comércio do Porto*

«Fizemos bem em esperar, abrindo a Alves Redol um largo crédito de confiança literária. Ele havia de chegar de emergir das suas deficiências e, como a tal árvore, crescer, robustecer-se, desafiando ventos e tempestades. Este seu novo livro Horizonte Cerrado é, sem dúvida, o melhor. É mesmo já um grande livro em que o escritor com as roupagens dum estilo forte, marca, pujantemente, muitas qualidades. A arte de escrever já não tem para ele segredos e a arquitectura do romance, nos seus materiais humanos duráveis, constitui de facto um todo pleno de harmonia e de proporções.»

Artur Portela, abril de 1949, *Ler*

«No geral, os nossos escritores, se escrevem bem, narram mal, ou o contrário. Alves Redol domina essas duas forças, de valores iguais, de sorte que *Vindima de Sangue*, passado na região duriense, nos primeiros lustros do século, com uma retrospectiva que lhe dá sabor, – é, de facto, na sua total realidade, um romance vivo, directo, feito com elementos (factos e pormenores autênticos) e, sobretudo, genuinamente português. O escritor sabe multiplicar a acção, situando-a em vários planos sociais, entre outros, a aristocracia, a burguesia, e o povo que viviam ou vivem dos gaios durienses, onde o vinho é o pão de todos...

Belo romance este *Vindima de Sangue* em que Alves Redol, num passo largo, decisivo se coloca ao lado dos nossos melhores escritores. Temos muito a esperar dele. Um conselho lhe damos: prossiga, no *Ciclo do Port Wine*. Se os três volumes já publicados como se declara no final, abrangem os primeiros quinze anos do século, de então para cá, pelo menos, em relação ao tempo e às circunstâncias o assunto não está esgotado. Quando se encontra um veio de ouro, há que explorá-lo até final. Alves Redol é um bom mineiro das letras. São cada vez mais fartas as suas colheitas.»

Artur Portela, 16 abril 1953, *Diário de Lisboa*

«Já antes de Redol o Douro havia tentado outros romancistas portugueses. Mas nenhum deles conseguira dar-nos uma imagem bastante fiel ou suficientemente exacta, não digo da sua paisagem geográfica, de interesse secundário, para o caso, mas da sua fisionomia humana e dos problemas materiais que numa larga medida a determinam. Foi necessário que Redol, um homem das margens do Tejo, subisse até ao rio nortenho e nos desvendasse, em inesquecíveis páginas de interpretação social, o panorama vivo, embora amargo e por vezes até sombrio, do duriense agarrado à terra que penosa e heroicamente arrancou ao xisto dos seus montes.

Por tudo o que tão marcadamente individualiza esta região portuguesa, o Douro estava desde há muito pedindo um romancista feito à sua medida. Encontrou-o por fim em Redol: o Douro tem hoje a sua história contada num romance – e que extraordinária história o Douro guardava no seu seio e que magnífico romance Alves Redol teceu com ela! Real, concreta, sangrando, sim, mas viva, a região duriense alastra, toma relevo e define-se opor todo o ciclo do *Port-Wine*. Nenhuma outra região de Portugal, que eu saiba, foi transposta para uma obra de arte como o Douro o foi por Redol para a sua trilogia. Por isso comecei por afirmar que o Ciclo de *Port-Wine* me surge como obra, única na nossa literatura.»

Afonso Ribeiro, maio de 1953,
Itinerário, Lourenço Marques

«Redol lança a sua trilogia do *Ciclo do Port Wine* de que *Vindima de Sangue* é o último romance (os anteriores são: *Horizonte Cerrado* e *Os Homens e as Sombras*). O plano era deveras grandioso: dar, em três romances interligados, todo o complexo mundo produção-comércio do Vinho do Porto, e isto numa época fértil em acontecimentos, as duas décadas iniciais deste século. Deve dizer-se que Redol se saiu deveras airosamente de empreendimento tão difícil...

... O Douro, na sua problemática histórica, social e económica, está aqui, neste *Ciclo Port Wine* de que *Vindima de Sangue* é o fecho. (Pub. Europa-América, Lisboa)»

Pedro da Silveira, 30 setembro 1953, *Átomo*

«Há pelo menos doze anos que Alves Redol trabalha incansavelmente com o fito de conseguir uma maturação literária que lhe permita a fusão harmoniosa do romance e do documento humano e nacional. Embora nunca fácil, não é extremamente difícil adoptar um dos vários figurinos estrangeiros que tão tentadoramente se oferecem ao nosso romancista e apresentar ao público o romance aparentemente acabado a que contudo o indispensável sazonalidade pessoal. Absorver certas fórmulas literárias e reduzir o «humano» a uma atitude sentimental ou puramente «literária» sobre casos e questões gerais que se conhecem de outros romances, eis o caminho mais comumente seguido e sempre viável sem dificuldades de maior quando o talento não falta de todo. A publicidade do editor e os amigos espalhados pelos jornais se encarregarão do resto. Mas Alves Redol encarou desde o princípio a criação literária do ângulo mais escarpado, ou seja: do lado dos próprios problemas nacionais a estudar e a revelar, pondo corajosamente de parte a tentadora oferta das fórmulas já conseguidas e que não podiam convir à concretização estética do drama que acima de tudo o comovia e que irresistivelmente o atirou para a literatura.»

[...]

«O *Ciclo Port-Wine* prevê três romances, dos quais o primeiro está publicado há mais de um ano e obteve um prémio literário célebre no país. *Horizonte Cerrado* é um dos melhores livros de Redol, ao pé do qual *Gaibéus* ou *Marés* ficam sendo definitivamente livros de princípio. Mas *Os Homens e as Sombras* é o romance mais sério e mais belo deste autor que, com ele, se coloca sem restrições ao lado dos maiores escritores portugueses, com um trabalho de interesse evidente em qualquer país...

... Graças a Redol, ficamos conhecendo o mundo que se prende a uma das nossas maiores riquezas nacionais, um mundo doloroso e vivo, apesar de se localizar há mais de quarenta anos.»

Mário Dionísio, Setembro 1951
Vértice – Vol. II